

WOMANLAND: AS QUESTÕES DE GÊNERO E AS CONCEPÇÕES HISTÓRICAS NA OBRA HERLAND E WITH HER IN OURLAND

Mariana Fujikawa

Aluna de graduação de História (Licenciatura e Bacharelado) da Universidade Federal do Paraná. Atualmente participa como bolsista do Programa Instituição de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e como voluntária do programa de Iniciação Científica da mesma universidade. Participa, também, do programa de extensão Cultura Material e Gênero: a História das Mulheres no Museu Paranaense. Participou do Programa de Ensino Tutorial (PET) como voluntária e bolsista. E-mail: mari.fujikawa97@gmail.com

**WOMANLAND: AS QUESTÕES DE GÊNERO E AS CONCEPÇÕES HISTÓRICAS
NA OBRA HERLAND E WITH HER IN OURLAND****WOMANLAND: THE GENDER RELATIONS AND THE HISTORIC
CONCEPTIONS IN THE BOOK *HERLAND* AND *WITH HER IN OURLAND***

Mariana Fujikawa

RESUMO

O objetivo do presente texto é tecer algumas considerações sobre a trajetória de um espaço de memória acerca da imigração alemã no Sul do Brasil e as mudanças ocorridas na mentalidade e nas abordagens dadas ao seu acervo documental, de maneira especial nos últimos anos. Essa mudança está intimamente vinculada com a própria redefinição da história da imigração alemã, com novos enfoques e perspectivas teóricas e metodológicas sobre o tema. A partir desta perspectiva, é necessária, além de analisar os processos que implicaram nessas mudanças de discursos e percepções, também fornecer subsídios qualificados para a própria historicização deste acervo de do local onde está salvaguardado, tendo em vista que, em muitos casos, as informações sobre a aquisição e estruturação destes acervos são escassas ou contraditórias.

PALAVRAS-CHAVE:

Acervo Documental. Museus. Historiografia. Imigração Alemã.

ABSTRACT

The objective of the present text is to make some considerations about the trajectory of a memory space about German immigration in the South of Brazil and the changes occurred in the mentality and approaches given to its documentary collection, especially in recent years. This change is closely linked to the very redefinition of the history of German immigration, with new approaches and theoretical and methodological perspectives on the subject. From this perspective, it is necessary, besides analyzing the processes that implied in these changes of discourses and perceptions, also to provide qualified subsidies for the own historicization of this collection of the place where it is safeguarded, since in many cases the information on the acquisition and structuring of these collections are scarce or contradictory.

KEY WORDS:

Documentary Collection. Museums. Historiography. German Immigration.

INTRODUÇÃO

Charlotte Perkins Stetson Gilman nasceu em 1860 e faleceu em 1935. Esta autora é considerada como uma pioneira na escrita feminina utópica. (HAMDAN; VENGADASAMY, 2006, p. 02) Além desse tipo de obra, Gilman escreveu poesias, contos, romances e escritas feministas que não eram ficção. (CLEMONS, 2000, p. 01) Fazendo parte de um Clube Heterodoxo Feminino, a autora, com outras mulheres consideradas “não ortodoxas”,¹ debatia sobre as questões de desigualdade entre homens e mulheres. Influenciada por este grupo, e pela sua própria experiência na sociedade como mulher, sua obra implica, nesse sentido, em uma crítica social e em uma busca por melhores condições para as mulheres. (DAVID; KNIGHT, 2004, p. 156)

A obra aqui retratada, *Herland*,² foi escrita em 1915. Gilman, tendo vivido em um contexto de expedições imperialistas, reflete isso nessa obra. Além disso, em 1914 iniciou-se a primeira guerra mundial. Apesar de que este fato não é retratado em *Herland*, aparece de forma intensa na continuação da série, no livro *With Her in Ourland*.³

Além de *Herland*, a autora também escreveu outras obras, como *The Yellow Wallpaper* (1892), *Moving the Mountain* (1911) e *With Her in Ourland* (1916). Esses dois últimos livros, conjuntamente com *Herland*, formam a “*Herland Trilogy*”. Nessa série o tema principal por ela retratado são as questões relacionadas às mulheres, que hoje poderiam ser atreladas aos estudos de gênero.

Em *Herland*, o livro é narrado na primeira pessoa por Vandyck Jennings (Van). No início do século XX, ele e mais dois amigos, - Terry O. Nicholson e Jeff Margrave - vão para uma expedição em um local distante (a autora não especifica onde) de sua terra natal, os Estados Unidos. Esses aventureiros, ouvindo boatos, souberam da existência de um lugar em que somente mulheres existiam, reproduzindo-se por partenogênese. Intrigados, procuram e encontram o lugar, e é nesse local onde a narrativa ocorre.

HERLAND E IMPERIALISMO

¹ Outras mulheres como Inez Haynes Irwin Gillmore, Katherine Susan Anthony, Sara Josephine Baker e Agnes de Mille faziam parte desse grupo. Emma Goldman, apesar de não ser um membro, deu palestras diversas vezes nas reuniões do grupo.

² O termo *Herland* será utilizado em itálico quando se tratar do livro, e de forma normal quando se referir ao local.

³ O termo *Ourland* foi utilizado nas obras para retratar locais além de *Herland*. Nesse sentido, faremos o mesmo nesse trabalho.

Com a viagem, percebemos claramente a influência da questão do imperialismo na escrita de Gilman. Como apresentou Hobsbawm (1989), assim como Said (1995), muitos países imperialistas viam os povos diferentes como se estivessem na infância, e que precisariam ser tutorados. Além disso, Hobsbawm demonstrou a diferença e desigualdade econômica entre os países colonizadores e colonizados. (HOBSBAWM, 1989, p. 56) Said, por sua vez, focou na cultura e, a partir de obras literárias, englobou e apresentou como o processo colonial é complexo, e afeta não somente o oriente e as colônias, mas também o Ocidente e a forma como esses escritores passam a ver o mundo. (SAID, 1995, p. 30) Isso pode ser percebido na obra de Gilman, pois essa questão mostra-se presente e em diversos momentos os viajantes afirmam que os povos do local para onde vão são não civilizados. Eles, inclusive, chamam essas pessoas de “selvagens”: “I noticed that more and more of these savages had a story about a strange and terrible Woman Land in the high distance.”⁴

Além disso, há uma forte crítica ao colonialismo em *With her in Ourland*. Van é questionado sobre como foi a colonização dos Estados Unidos. Ele afirma que não havia nada na América além de índios. A mulher, Ellador, que pergunta isso, questiona o que foi feito com os índios. O homem afirma que eles foram assassinados, porque eram selvagens. Ela, de Herland, não entende, e ele continua a explicar que os ingleses civilizaram os nativos com educação e com Cristo. Apesar de isso não se tratar do imperialismo, logo Ellador comenta sobre sua atualidade, e pergunta sobre a questão da África do Sul com o imperialismo da Inglaterra. Van, em seguida, afirma que o que a Inglaterra quer fazer ao tentar apagar a cultura sul-africana é civilizar o mundo, mas Ellador se assusta, se entristece e diz não compreender como apagar o diferente pode ser o equivalente a civilizar. (GILMAN, 1997, p. 46-48)

Outro aspecto, é que a autora mostra como as questões de gênero influenciariam na questão imperial. No livro podemos perceber como ela, criticando a questão da diferenciação do gênero, mostra que os personagens viam a Woman Land de forma ainda mais inferior do que consideravam os ditos selvagens. Como demonstrou McClintock (2010), não podemos estudar o imperialismo sem entender as questões de gênero, raça e classe que fazem parte desse sistema. Ela afirmou que esses três aspectos não podem ser isolados, e que devem ser explorados “em relação entre si”. Assim, Gilman se preocupou com as relações de gênero e

⁴ Eu percebi que mais e mais desses selvagens possuíam uma história sobre uma estranha e terrível Terra de Mulheres na distância. (GILMAN, C. P. S. *Herland*. New York: *Dover Publications*, 1998, p. 2-3. Tradução Nossa)

como elas influenciam na dominação e visão do imperialismo. Isso é percebido na obra, pois esse lugar somente feminino foi apresentado, pelos ditos selvagens, como um local “perigoso, mortal”. (GILMAN, 1997, p. 03) Os personagens principais, porém, riram dessa possibilidade, pois para eles as mulheres “selvagens” seriam ainda mais dóceis do que os homens, e eles consideravam, também, que as mulheres não poderiam construir uma sociedade inteiramente feminina, pois “they would fight among them selves. Women always do. We mustn’t look to find any sort of order and organization.”⁵

QUESTÕES DE GÊNERO E AS ESFERAS PÚBLICA E PRIVADA

Dessa forma, começamos a ver como as questões de gênero passam a ser apresentadas por Gilman. Os três viajantes – todos homens -, apesar de não acreditarem em uma sociedade composta somente por mulheres, procuram-na para ver se realmente existe, e encontram-na. No caminho, os homens especulam sobre como esse local seria. O narrador, Van, o sociólogo, seria o mais contido, e daria menos opiniões. Terry, o mais rico – e financiador da expedição - era o que mais afirmava que as mulheres eram fracas, inferiores, e que brigariam entre si. Ele era charmoso, e era bem sucedido com as mulheres do mundo exterior. Jeff era o personagem mais apaixonado, avoado e idealizador e, por isso, imaginava esse lugar como maravilhoso, com mulheres lindas, jovens, e - no sentido comumente atribuído – femininas.

Assim, vemos como os estereótipos femininos são reforçados pelos personagens. Porém, a autora logo desconstrói isso, e, ao chegarem no local, os exploradores percebem que, ao contrário do esperado, esse seria um lugar extremamente civilizado. Comentam sobre sua arquitetura, sua organização e limpeza, e afirmam “what a heavenly country!”.⁶ Porém, eles ainda duvidam do que estão presenciando, e afirmam que “this is a CIVILIZED country! There must be men.”⁷ Percebendo, porém, que só haviam mulheres nessa terra - que foi intitulada pelos viajantes de “Herland” - os viajantes frustram-se, pois a ideia que se tem dessas mulheres não condiz com as habitantes. Elas possuem cabelos curtos, não são todas jovens, nem indefesas. Assim, Gilman desconstrói a ideia de uma mulher universal, e demonstra que essas mulheres podem ser diferentes do estereótipo comumente criado, que

⁵ Elas brigariam umas com as outras. Mulheres sempre fazem isso. Nós não devemos esperar nenhuma forma de ordem e organização. (GILMAN, 1915, tradução nossa, p. 9.)

⁶ Que local paradisíaco! (GILMAN, 1915, tradução nossa, p. 19.)

⁷ Este é um local CIVILIZADO! Tem que ter homens. (GILMAN, 1915, tradução nossa, p. 13)

seria o de mulheres consideradas como femininas: dóceis, submissas, com longos cabelos, jovens, belas e frágeis.

Os homens, sendo capturados pelas mulheres, chocam-se ao perceberem que são prisioneiros delas. Eles se tornaram prisioneiros de mulheres que, em suas concepções, seriam mais fracas do que eles. Sem saberem o que irá acontecer, eles temem, mas logo chegam a compreensão de que, permanecendo seus prisioneiros, aprenderão sobre a vida de Herland. Para isso, cada um dos exploradores foi tutorado por uma mulher. Van foi tutorado por Ellador, Jeff por Cellis e Terry por Alima. Apesar de estarem sendo tratados com gentileza, serem bem alimentados, e estarem aprendendo sobre este diferente local, cada homem reagiu de forma diferente. Enquanto Jeff se apaixonou pelo país, e não desejava mais sair, Van ainda se sentia inseguro, pois pensava que eram prisioneiros. Terry, porém, era o que se sentia mais aflito, e desejava escapar. Assim, planejou uma escapada, e convenceu seus amigos, porém falhou. Após terem novamente sido capturados, eles esperavam uma forma de punição, mas isso não ocorreu. Assim, os homens se surpreendem com a forma de organização das mulheres, tão diferente da comumente feita no mundo comandado pelos homens.

As mulheres de Herland ensinam aos viajantes sua língua, seus costumes e sua história. Além disso, elas se interessam imensamente pelo mundo além de seu país, por um mundo com dois sexos diferentes. Isso, porque pensam que a união entre um homem e uma mulher pode gerar melhores gerações. Nesse sentido, indagam constantemente Jeff, Van e Terry sobre os outros lugares. Percebendo a desigualdade entre homens e mulheres que existem, questionam-nos sobre o porquê disso. Nesse sentido, mais sobre os papéis e sobre as concepções de público e privado começa a ser delineado no livro de Gilman.

A concepção de que as mulheres devem permanecer no âmbito privado é criticado pelas habitantes de Herland, que se assustam ao ouvirem Terry afirmar que “the men do everything. We do not allow our women to work. Women are loved, idolized, honored, kept in the home to care for the children.”⁸ Alima, então, o questiona, perguntando se realmente nenhuma mulher trabalha fora de casa. Terry, atordoado, afirma que as mais pobres precisam trabalhar. Alima pergunta, então, quantas mulheres são pobres e Terry afirma que são aproximadamente sete ou oito milhões. Como demonstra Eva Blay, sobre esse tema, as mulheres da classe operária trabalhavam por maiores períodos de tempo e recebiam menos do

⁸ Os homens fazem tudo. Nós não permitimos que nossas mulheres trabalhem. As mulheres são amadas, idealizadas, honradas, mantidas em casa para cuidarem das crianças. (GILMAN, 1915, tradução nossa, p. 63).

que os homens. (BLAY, 2002) Além disso, essas mulheres eram constantemente submetidas a péssimas condições de trabalho e à exploração sexual. Nesse mesmo sentido, Emma Goldman (2011) - uma contemporânea da revolução industrial - demonstra como a sociedade cria a mulher como uma mercadoria e como ela pode ser explorada sexualmente. Como afirma Joan Scott (1994) - escrevendo já no século XX - apesar de que a mulher trabalhava fora de casa, o homem trabalhador ainda seria diferenciado dela, pois ele seria o responsável por prover pela família. A partir disso, pode-se pensar que o homem pertenceria ao mundo público, ao mundo do trabalho, enquanto a mulher, ainda que trabalhasse fora de casa, permaneceria atrelada ao mundo privado, doméstico, e sua renda fora de casa seria visto como complementar a renda masculina. Porém, ainda que trabalhem, participem do mundo público, essas mulheres operárias ainda eram consideradas como pertencentes ao mundo privado, pois acreditavam que elas deveriam ser, acima de tudo, boas donas de casa, afirma Hall. (1991, p. 76)

A mesma autora (1991, p. 63) afirma também que apenas a população masculina mais rica poderia fazer com que as esposas permanecessem no âmbito do privado, sem trabalhar. Assim, percebe-se que as mulheres - ainda que vistas como inferiores, recebendo menos e sendo consideradas como pertencentes ao mundo privado - estavam presentes no mundo do trabalho. Ao apresentar este fato em *Herland*, a autora demonstra as contradições do discurso que afirma que as mulheres não trabalham fora de casa.

As *herlanders* (maneira como os viajantes intitulam as mulheres de Herland) não possuem essa divisão de esfera pública e privada. Porém, na visão dos viajantes, as mulheres de Herland participam, em sua totalidade, do âmbito público. As concepções de família são, também, diferenciadas do mundo exterior. As *herlanders* não entendem porque as mulheres do resto do mundo devem permanecer em casa enquanto os homens trabalham. Elas questionam: “Staying in the house? All the time? Not imprisoned, surely!”⁹ Os homens respondem que não, e que elas vivem lá aceitando isso, e não como prisioneiras. Alima pergunta então o que elas fazem em casa o tempo todo, e Terry afirma que elas tomam conta da casa e dos filhos. As mulheres de Herland ficam confusas, e não entendem porque as mulheres em *Ourland* não são vistas como pertencentes ao mundo público. Além disso, Gilman desconstrói a ideia de casamento tal qual em *Ourland*. As *herlanders* perguntam aos

⁹FICAM NA CASA? POR TODO O TEMPO? NÃO COMO PRISIONEIRAS, COM CERTEZA! (GILMAN, C. P. S. *HERLAND* OP. CIT., TRADUÇÃO NOSSA, P. 99).

viajantes o que é uma esposa. Terry responde: “a wife is the woman who belongs to a man.”¹⁰ Elas continuam atordoadas. Van, então, afirma que as esposas ficam com os sobrenomes dos maridos. Alima, então, pergunta: “do the husbands then take the wives maiden names?”¹¹ Os exploradores riem, e negam. As mulheres se assustam e falam: “then the woman just loses hers and takes a new one! How unpleasant! We won’t do that!”¹²

Ainda sobre as questões de gênero, Van pergunta para Ellador se ela não teme os homens. Ela, porém, não entende como isso poderia ser possível, e afirma que o mais provável seria se as mulheres machucassem ele.¹³ Essa relação pode novamente ser analisada quando Jeff afirma que Celis não deveria carregar uma cesta. Ela fica intrigada, e pergunta o porquê. Ele então ressalta que “a women shoudn’t carry anything. Women are weaker and were not built for heavy work.”¹⁴ Celis continua sem entender, e, Jeff, ao observar as outras mulheres trabalhando em construções e obras, percebe que sua anterior afirmação não fazia sentido. Assim, novamente, a autora mostra alternativas e críticas à sociedade em que vive. Ela demonstra que não há uma essência feminina que seria a de uma mulher fraca e indefesa.

A noção comumente atribuída à essência das mulheres, no século XIX, seria a de mães de família, e em Herland a questão da maternidade é essencial para as mulheres. Isso pode ser visto como algo problemático, pois, como afirmado, às mulheres foram atribuídas, por muito tempo, a esfera privada, o cuidado com as crianças, a casa e ao marido. Porém, a forma de ver a maternidade em Herland é diferente. Não são todas as mulheres que deram à luz que exercem o papel de mãe, necessariamente. Para criar as meninas, somente às mulheres mais preparadas é atribuída a função. Assim, as mulheres que dão à luz entregam, após poucos anos, suas filhas para as chamadas como mães. Além disso, não há um conceito definido de família nuclear, pois todas as mulheres de Herland se vêem como irmãs, e a filha de uma delas é vista como a filha de todas.

Sobre o controle de natalidade, a explicação seria a de que, quando as mulheres estão na idade fértil, elas sentem-se exultantes, e que, nesse período, presta-se muita atenção nessas

¹⁰ Ibidem, p. 121.

¹¹ Idem.

¹² Então a mulher perde seu próprio sobrenome e fica com um novo! Que desagradável! Nós não faremos isso! (GILMAN, 1915, tradução nossa, idem).

¹³ Ibidem, p. 70.

¹⁴ Uma mulher não deveria carregar nada. Mulheres são mais fracas e não foram feitas para trabalharem com coisas pesadas. (GILMAN, 1915, tradução nossa, idem).

jovens e as mulheres menos “aptas” a terem filhas optam por “defer it.”¹⁵ Dessa forma, a sociedade nunca fica com excesso de população, e sempre há recursos para todas. Apesar de que o narrador, Van, passa a apreciar esse e todos os outros aspectos da sociedade composta somente por mulheres, Terry permanece criticando a forma delas de viver, que seria em igualdade e sem os aspectos naturalizados como feminino que Terry tanto apreciava. Isso também é exaltado quando os três viajantes são retirados do aprisionamento e são apresentados a outras mulheres dessa sociedade. Terry, o considerado mais charmoso –em *Ourland*– é o que desperta menos interesse nas *herlanders*. O narrador afirma que Terry teria ficado extremamente irritado com isso, e exclamou: “you call them GILRS?!”.¹⁶ Assim, por não conseguir conquistá-las ele as critica e afirma que não são mulheres. Ele aponta que essas mulheres não possuem as virtudes supostamente naturais das mulheres, que seriam a submissão e a obediência.

AS CONCEPÇÕES DE HISTÓRIA: O PROGRESSO E O HISTORICISMO

Em Herland, como afirmado, o foco de toda grande parte da estrutura da sociedade é a maternidade. Vivendo sempre em função da geração futura, as mulheres se preocupam em sempre aperfeiçoar sua sociedade. Tudo isso teria se iniciado quando, após uma guerra contra outra comunidade, os homens dessa terra teriam morrido. Os homens vencedores teriam tentado dominar e submeter as mulheres, mas essas revoltaram-se e mataram-nos. Elas, então, pensando que não continuariam sua linhagem, ficaram sem esperança. Porém, uma mulher, sem nenhuma explicação aparentemente lógica, dá à luz, e nasce uma criança. Ela tem mais filhas, e essas filhas também conseguem se reproduzir por partenogênese. Assim, há dois mil anos atrás, inicia-se Herland. Essas mulheres afirmam que a partir desse momento, a sociedade foi evoluindo e se aprimorando, cada vez mais melhorando a sociedade e a própria raça dessas mulheres.

Percebemos, então, uma visão progressista, uma ideia de progresso infinito da sociedade, em que as mulheres visam sempre o futuro. Essa visão de progresso de Gilman pode ter sido influenciada pelas ideias das filosofias da história. (FONTANA, 2004) Estas entendiam a história como um progresso contínuo. Assim como apresentado na visão das

¹⁵ Ibidem, p. 70.

¹⁶ Vocês as chamam de GAROTAS? (GILMAN, 1915, tradução nossa, p. 89).

mulheres de Herland, por Gilman, muitas filosofias da história possuíam uma concepção linear e a história não importa por si só, mas pelo progresso. Assim como em Kant (2004) e em Hegel (HARTMAN, 2001), e talvez por influência dessas ideias, a autora apresenta, em *Herland*, uma ideia em que o desenvolvimento das mulheres se dá sempre na espécie, e nunca no indivíduo. Há diversos aspectos das ideias da filosofia da história de Hegel e de Kant que não são englobados no livro, como a questão de que os homens precisam de senhores, ou a ideia de que o motor da história seja o antagonismo ou as paixões humanas, mas na questão de que há um progresso em Herland, pode-se ver a possível influência dessas ideias no livro. Ainda assim, é importante ressaltar que, como apresentou Bittencourt, essa noção progressista foi criticada já no século XIX. Nietzsche afirmava que o progresso traria a ideia de que “A humanidade do presente seria considerada apenas um meio para a instauração de um estado melhor que surgiria na posteridade.” (BITTENCOURT, 2001, p. 87) Assim, Nietzsche critica o progresso, pois desconsidera o homem do presente diante do que está ainda por vir, e que as ações dos homens não seriam consideradas no momento, e sim somente como um mecanismo para a realização do futuro. Esse aspecto é essencial e pode ser trazido na análise desse livro, pois devido ao fato de que as *herlanders* vivem em função das gerações futuras, não há uma valorização do presente.

Além dessa visão de que sempre é necessário progredir, e conjuntamente com essa ideia, no livro percebemos, também, um aperfeiçoamento das técnicas e da tecnologia. Com o passar dos anos sem os homens, as mulheres começaram a se preocupar com conhecimentos como botânica, química, física, aperfeiçoando-se nessas ciências, e, no método de ensino, todas as mulheres, apesar de se especializarem em algum conhecimento, aprendiam e tinham conhecimento em todas as áreas. Esse conhecimento se relacionava com a ideia de maternidade. Um exemplo disso é o de que, em Herland, as pessoas não mais ficavam doentes. Isso porque, melhorando a raça, afirma Gilman, somente os genes mais resistentes às doenças sobreviveriam. Assim, Alima afirma que “the “science of medicine” had become practically a lost art.”¹⁷

A partir disso, percebemos parte da concepção de história presente no livro. As mulheres de Herland focam no progresso, no futuro e, por isso, afirmam que o estudo da história não possui nenhuma importância. Essas mulheres ignoram o estudo do passado, e, quando Van, o sociólogo, pergunta para Ellador o porquê disso, ela não entende sua dúvida,

¹⁷ “A medicina praticamente se tornou uma arte perdida” (GILMAN, 1915, tradução nossa, p. 74)

pois para ela as pessoas do presente são melhores que as do passado, e o importante é viver em nome da geração futura. Em *With her in Ourland*, mais sobre a visão de história é apresentado. Ellador sai de sua terra natal com Van e Terry. Ao conhecer o resto do mundo, conhece uma concepção de história existente no contexto do fim do século XIX e início do século XX. Essa visão da história se preocuparia com o dia exato de tal acontecimento. Ellador aborda Van, questionando: “why do yours historians worry so morbidly anxious about the exact day?”¹⁸ Este responde: “why it’s important, isn’t it?”¹⁹ Porém, ela responde afirmando que:

“People in general ought to know the whole history of the world in general; and what were the most important things that happened. And here the poor things are required to note and remember that this king ‘came to the throne’ at such a date and died at such another- facts of no historic importance whatever.”²⁰

Assim, apesar de que Gilman não cita qual corrente histórica essa forma de pensamento seria, vemos aspectos de grande semelhança com o historicismo. Esta corrente historiográfica estuda os fatos da história por si mesmo. (MATA, 2010) Há, também, um foco no Estado, e essa é uma história que se pretende imparcial. (PAYEN, 2011) Além disso, percebe-se uma preocupação com o particular, o específico e essa visão da história, como demonstra Fontana, influenciou o mundo todo. Essa visão do que é história buscava “continuar recolhendo “fatos históricos”, colando-os um atrás do outro, convencidos de que o que faziam não somente era “científico” [...] mas que era a única forma lícita de trabalhar no campo da história.” (FONTANA, 2004) Dessa forma, percebemos em *Herland* uma crítica a esse tipo de abordagem da história, pois não se preocuparia com aspectos importantes, focando somente em uma história acontecimental e percebemos, também, uma sugestão para que novas formas de entender a história sejam elaborados, pois essa é vista, pela autora, como insuficiente.

Nesse sentido, a autora demonstra uma diferente visão da história presente em *Herland* e fora desse local. Enquanto na terra das mulheres o estudo do passado não importa, e o importante é se preocupar com o progresso das civilizações vindouras, em *Ourland* há uma busca de encontrar a verdade no passado, em retratar o específico, o concreto.

¹⁸ Por que os seus historiadores se preocupam de forma tão morbidamente ansiosa sobre o dia exato? (GILMAN, 1915, tradução nossa, p. 27).

¹⁹ Oras, é importante, não? (GILMAN, 1915, tradução nossa, idem).

²⁰ As pessoas, no geral, devem saber sobre toda a história do mundo; e quais foram as coisas mais importantes que aconteceram. E aqui as pobres pessoas são obrigadas a anotar e lembrar que esse rei ‘chegou ao trono’ em tal data, e morreu em outra – fatos de importância histórica nenhuma. (GILMAN, 1915, tradução nossa, p. 28).

DIFERENÇAS ENTRE HERLAND E OURLAND

Além dessa diferença, há outras que são demonstradas no livro. Gilman apresenta diferentes modos de entender a religião em Herland e *Ourland*. Enquanto em *Ourland* a religião acredita em um só Deus, em Herland há diversos deuses e deusas. Porém, com o passar dos anos, a religião passou a se centrar na ideia de “*Mother Goddes*”, em uma ideia de um “*Maternal Pantheism*.”²¹ Ellador, questionando sobre o cristianismo, não consegue entender como um Deus que seria amor, sabedoria e poder poderia colocar pessoas para queimar no inferno por toda a eternidade. Ellador se assusta ao pensar que no resto do mundo há o mal e há aspectos ruins, pois em Herland isso não existe. Além disso, quando Van questiona sobre o que acontece após a morte, Ellador novamente fica intrigada, pois as *herlanders* não acreditam em vida após a morte. Elas vivem para as gerações futuras e sabem que irão morrer, mas a espécie irá continuar. Van demonstra que no cristianismo a vida após a morte seria, no céu, um lugar paradisíaco, sem mal, nem dor. A *herlander* ainda não compreende, pois em Herland na própria vida das mulheres já não há mal. Ela afirma: “that sounds to me like a foolish idea.”²²

Ainda tratando dessas diferenças, percebe-se que o personagem principal começa passando o tempo em Herland, a ver sua terra natal – os Estados Unidos, e o resto do mundo por ele conhecido - como algo negativo. Afirma: “as I learned more and more to appreciate what these women had accomplished, the less proud I was of what we, with all our manhood, had done.”²³

Outra diferença é o sistema em qual elas vivem. Apesar de não explicitar no texto, elas comentam que em Herland não há leis: “we have no laws over a hundred years old.”²⁴ Além disso, a autora apresenta uma sociedade em que não haveria um governo, mas uma espécie de conselho, em que as ideias seriam debatidas, e após essas discussões as decisões seriam tomadas para o melhor de todos. Assim como na ideia do comunismo, (MARX, 1998) não havia em Herland diferenças econômicas entre as mulheres e nem propriedade privada. A terra era de todas, e não haveria uma relação de poder ou de submissão das mulheres. Elas não

²¹ “Deusa mãe; panteísmo materno” (GILMAN, 1915, tradução nossa, p. 61).

²² Isso me parece uma ideia boba. (GILMAN, 1915, tradução nossa, p. 119).

²³ Quanto mais eu aprendia a apreciar o que essas mulheres haviam feito, menos orgulhoso eu estava do que nós, com toda a nossa masculinidade, havíamos feito. (GILMAN, 1915, tradução nossa, p. 62).

²⁴ Nós não temos leis há mais de cem anos. (GILMAN, 1915, tradução nossa, p. 65).

se viam como indivíduos, e sim como uma comunidade, uma coletividade, sempre referindo-se como “we”. Não havia, também, uma valorização do trabalho intelectual acima do braçal. Outro aspecto é que em Herland não há criminosos há 600 anos. Van pergunta: “have you NO punishments? Neither for children nor criminals?”²⁵ Ellador não compreende, e pergunta: “do you punish a person for a broken leg or a fever? We have preventive measures, and cures; but that’s not a punishment, it’s only part of the treatment.”²⁶

Sobre as diferenças entre as sociedades, Terry demonstra-se cada vez com mais saudades de sua terra natal, e com ódio de Herland. Para ele, as mulheres desse local não seriam femininas, não sendo normais, em sua opinião. Ainda assim, uma relação dos homens com suas tutoras passa a existir. Esta relação, porém, não era sexual, pois elas não possuíam essa noção. Ellador e Van, afirma esse narrador, formaram o casal que mais combinou. Jeff, idealizando as mulheres, servia Cellis; a relação entre Terry e Alima era a mais complexa, devido ao comportamento deste. Ela, inicialmente, havia recusado e ignorado Terry, mas “the more coldly she denied him, the hotter his determination was.”²⁷

Eles desejavam se casar com elas, mas elas nada entendiam dessa cerimônia. Essas acabam se casando com os homens, mas de uma forma diferente. Não havia contato sexual, elas não moravam em uma casa com eles, rejeitaram os sobrenomes masculinos e permaneceram atuando no mundo público. Elas os amavam, mas de uma maneira diferente da de *Ourland*. Outro aspecto é que as *herlanders* estavam pensando, com esses casamentos, na melhoria da raça, na paternidade. Era nesse sentido que elas se preocupavam com eles. Van tenta explicar a Ellador que em *Ourland* o casamento não existia somente para a reprodução, que os homens amavam as mulheres e isso era recíproco, mas ela continua não entendendo. As mulheres dessa sociedade, porém, acreditam que *Ourland* seria mais desenvolvida e melhor do que Herland, pois há os dois sexos. Elas pensam que no mundo exterior viveríamos em harmonia, paz, e com conhecimentos mais desenvolvidos, pois todos dividiriam os conhecimentos aprendidos. Porém, apesar de que inicialmente os viajantes retrataram o resto do mundo de forma idealizada, com o passar dos meses eles afirmaram às mulheres que eles não eram de um bom lugar, e que o mundo era desigual, sujo, patriarcal, competitivo e com

²⁵ Vocês não tem NENHUMA punição? Nem para as crianças e nem para os criminosos? (GILMAN, 1915, tradução nossa, p. 114).

²⁶ Você pune uma pessoa por uma perna quebrada ou uma febre? Nós temos medidas preventidas, e curas; mas isso não é uma punição, é somente parte do tratamento. (GILMAN, 1915, tradução nossa, p. 115).

²⁷ Quanto mais friamente ela negava-o, mais ele permanecia determinado. (GILMAN, 1915, tradução nossa, p. 60).

diversos aspectos negativos. Isso, porém, é ainda mais ressaltado com Terry. Enquanto Jeff e Van se acostumam com essa sociedade, e com as relações entre seus casamentos, Terry continua desejando possuir Alima sexualmente. Afirmou que: “there was never a woman yet that did not enjoy being MASTERED.”²⁸ Com esses pensamentos, percebemos que Terry não desconstruiu suas ideias sobre as mulheres. Isso é ainda mais explícito quando, em uma noite, ele tenta estuprar Alima. Ela, porém, sendo fisicamente forte, consegue revidar, pede por ajuda e outra *herlander* tira Terry de perto dela.

As *herlanders*, confusas e assustadas, não sabiam o que fazer com Terry. A sentença delas foi: “you must go home!”²⁹ Os outros homens poderiam ir juntos ou permanecerem em Herland. Enquanto preparavam a partida, Terry foi novamente aprisionado. Jeff optou por permanecer nesse local, e Van voltaria para *Ourland*. Ellador, porém, disse que não abandonaria Van, e por isso essa *herlander* sai de sua terra natal. Assim, o livro termina, e essa história continua no *With her in Ourland*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se, no fim, que muitos aspectos mostram-se presentes na obra, como o imperialismo, o nacionalismo, as diferenças de religião, assim como as visões da história, de progresso, e propostas de utopias, de diferentes formas de sociedades, que, como afirma Fancourt, sempre buscam mudanças e transformações na realidade. (FANCOURT, 2004, p. 05) O termo utopia sempre foi atrelado à ideia de uma sociedade alternativa, e implica a possibilidade de realidades diferentes. Como afirma Arthur Redding, esses escritos utópicos buscam “the transition to a radically transformed and more just, rational and beneficent new world order.”(REDDING, 2014, p. 449)³⁰

O livro aqui discutido, através da escrita utópica e feminista, critica a desigualdade entre homens e mulheres. No livro, não somente essa desigualdade deixa de existir, mas também há uma desconstrução das relações entre os homens e mulheres. Os homens, com exceção de Terry, percebem que não há uma essência feminina, e que as mulheres do mundo não são iguais entre si. Além disso, em uma sociedade composta somente por mulheres, as

²⁸ Nunca houve uma mulher que não gostasse de ser DOMINADA (GILMAN, 1915, tradução nossa, p. 133).

²⁹ Você tem que voltar para sua casa (GILMAN, 1915, tradução nossa, p. 135).

³⁰ A transição para uma transformada e mais racional e beneficente ordem mundial. (REDDING, 2014, tradução nossa, p. 449).

diversas funções da sociedade são por elas executadas. Dessa forma, não há a diferenciação de trabalhos femininos e masculinos. Outro aspecto se dá ao fato de que as *herlanders* não permanecem ao âmbito privado, mas agem no mundo público. É extremamente importante e interessante que Gilman, já no início do século XX, tenha desconstruído e criticado as relações de gênero existentes na sua sociedade. Isso é ressaltado quando Van conclui: “We were now well used to seeing women not as females, but as people; people of all sorts, doing every kind of work”³¹

Além disso, enquanto a história acontecimental focava em aspectos políticos, a literatura tratava de atores que não apareciam nessa história dita oficial. Apesar de Marx e Engels já terem escrito suas obras e haverem realizado uma transformação com o materialismo histórico, (HOBSBAWM, 1998) que focava na história das massas, da sociedade, ainda assim as mulheres não eram focadas na história. Gilman, a partir de uma utopia feminina, traz as mulheres como agentes, como protagonistas e assim critica e busca transformar a sociedade.

Sociedade que, no momento em que Gilman vivia, era desigual. Ainda assim, é importante ressaltar que, assim como Gilman, havia muitas mulheres desse mesmo período que criticavam a sociedade, a desigualdade entre os sexos, e reivindicavam a igualdade de direitos entre os homens e as mulheres, que desejavam o voto feminino. Como afirma Kappelli, “as mulheres não esperam que o Estado lhes dê satisfação.” (1994, p. 557) E isso não as impediu de protestar, e lutar. Muito foi conquistado por meio dessas reivindicações feministas.

Atualmente, apesar de já existirem diversas correntes, mudanças e críticas feitas aos feminismos. Apesar da sociedade ter mudado em diversos aspectos, a escrita de Gilman ainda pode ser uma inspiração, uma crítica de aspectos ainda presentes na sociedade e um incentivo para que, assim como as mulheres do passado criticaram e transformaram diversos aspectos da sociedade, isso possa ocorrer hoje. Além disso, essa é uma autora que pode fazer com que pensemos, na atualidade, sobre a História, no sentido de qual história queremos e iremos contar e de que forma a contaremos.

³¹ Nós agora estávamos acostumados a vermos as mulheres não como fêmeas, mas como pessoas; pessoas de todos os tipos, fazendo todos os tipos de trabalho. (GILMAN, 1915, tradução nossa, p. 139).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BITTENCOURT, Renato Nunes. As falácias da ideia do progresso. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, Maringá, v. 33, n. 1, p. 81-96, 2011.

BLAY, Eva Alterman. 8 de março: conquistas e controvérsias. **Estudos Feministas**, Florianópolis, p. 601-607, fevereiro. 2002.

CLEMONS, Tammy Feminism in *Herland*: a Utopian Vision of Charlotte Perkins Gilman. **Tammy Clemons**, november, 2000.

DAVIS, Cynthia; KNIGHT, Denise. **Charlotte Perkins Gilman and her contemporaries: literary and intellectual contexts**. Alabama: The University of Alabama press, 2004.

FANCOURT, Donna. **Altered States: feminist utopian literature**. 315f. Thesis. (Doctor of Philosophy). University of Leicester, Leicester, 2004.

FONTANA, Josep. “A invenção do progresso”. In: **A história dos homens**. Bauru: EDUSC, 2004, p. 143-170.

FONTANA, Josep. “Historicismo e Nacionalismo”. In: **A história dos homens**, op. cit., p. 241.

GILMAN, Charlotte Perkins Stetson. **Herland**. New York: Dover Publications, 1998.

GILMAN, Charlotte Perkins Stetson. **With Her in Ourland**, Westport: Greenwood Publishing Group, 1997, p. 46-48.

GOLDMAN, Emma. Tráfico de mulheres. **Revistas Pagu**: Campinas, n. 37, p. 247-262, julho-dezembro. 2011.

HALL, Catherine. “Sweet home”. In: **História da Vida Privada**, São Paulo: Companhia das Letras, 1991, v. 4.

HAMDAN, Shahizah Ismail.; VENGADASAMY, Ravichandran. Herland and Charlotte Perkins Gilman’s utopian social vision of women and society. **Jilid**, Bilangan n.1, pp. 1-8, 2006.

HARTMAN, Robert Schirokauer. “Introdução”. In: HEGEL, G. W. F. **A razão na história. Uma introdução geral à filosofia da história**. São Paulo: Editora Centauro, 2001, p. 9-41.

HOBSBAWM, Eric. “A Era dos Impérios” In: **A Era dos Impérios**. RJ: Paz e Terra, 1989, p. 87-124.

HOBSBAWM, Eric. “O que os historiadores devem a Karl Marx”; “Marx e a história”. In: **Sobre a história**, São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp. 155-184.

KANT, Immanuel. **Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita**. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 43-74.

KAPPËLLI, Anne-Marie. “Cenas feministas”. In: **História das Mulheres no ocidente**. São Paulo: EBRADIL, 1994.

MARX, Karl. **O manifesto comunista**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

MATA, Sergio da. “Leopold Von Ranke (1795-1886).” In: MARTINS, E. R. **A História pensada**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 187-216.

MCCLINTOCK, Anne. “Introdução”; “O império do sabonete – racismo mercantil e propaganda imperial”. In: **Couro Imperial - raça, gênero e sexualidade no embate colonial**. Campinas: Editora Unicamp, 2010, p.15-40; 307-340.

PAYEN, Pascal. “A constituição da história como ciência no século XIX e seus modelos antigos: fim de uma ilusão ou futuro de uma herança?”. In: **História da historiografia**, n. 6, março de 2011, p. 103-122.

REDDING, Arthur. “Apocalyptic Gothic”. In: CROW, L. **A companion to American Gothic**. Hoboken: John Wiley and Sons, Ltda, 2014.

SAID, Edward. “Introdução”; “Territórios Sobrepostos, Histórias Entrelaçadas”. In: **Cultura e Imperialismo**. SP: Cia das Letras, 1995, p. 11-31; 33-98.

SCOTT, Joan. “A mulher trabalhadora”. In: PERROT, M.; DUBY, G. **História das mulheres no ocidente**. São Paulo: EBRADIL, 1994, p. 443-475.

Artigo recebido em agosto de 2017. Aprovado em fevereiro de 2018